



A RELEVÂNCIA DA COSULATI ENTRE OS AGRICULTORES FAMILIARES RIOGRANDINOS.

NEVES, Jonas Anderson Simões das¹

¹Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS/UFRGS. jonasanderson@bol.com.br

Introdução.

O presente trabalho tem por objetivo estabelecer uma discussão acerca do papel ocupado pela COSULATI (Cooperativa Sul-Rio-Grandense de Laticínios) no contexto da agricultura familiar no município de Rio Grande-RS.

O município de Rio Grande situa-se no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul. Esta região, segundo Loner (2001, p.48), é marcada pelo complexo gado-arroz, isto é, grandes propriedades capitalizadas que associam a pecuária bovina de corte à orizicultura. O município de Rio Grande não foge a esta característica agropecuária predominante na região, todavia apresenta também alguns distritos que se caracterizam pela agricultura de tipo familiar, os quais foram o alvo da presente análise.

Dentre as diversas atividades desenvolvidas pelos agricultores familiares do município estudado, merece destaque a produção de leite, que ocupou 344 estabelecimentos no município (28.4% do total de estabelecimentos agrícolas) e foi responsável, no ano de 2006, pela produção de 9.104 mil litros¹ de leite. Destes, segundo a diretoria da COSULATI, um total de 321 mil litros/mês são destinados à cooperativa.

A COSULATI é organizada a partir de 87 núcleos espalhados por 27 municípios da região Sul do Estado do Rio Grande do Sul, possuindo cerca de quatro mil produtores, vários dos quais situados no município de Rio Grande. De acordo com o representante da cooperativa entrevistado durante o trabalho de campo, cerca de 90% dos cooperados do município de Rio Grande são pequenos proprietários familiares com propriedades de cerca de 10 hectares. Além do leite e seus derivados, a cooperativa também trabalha com a produção de aves.

Diante do exposto, pretende-se fazer uma breve análise da atuação da cooperativa no município de Rio Grande, bem como compreender o papel representado pela mesma junto aos cooperados de Rio Grande.

Material e métodos.

O presente resumo foi elaborado a partir de pesquisa realizada no ano de 2006 (agregando alguns dados e informações atuais), que resultou na monografia de

¹ Fonte: IBGE (dados preliminares do Censo Agropecuário 2006)

conclusão do curso de especialização em Sociologia junto à Universidade Federal de Pelotas.

A base de dados do trabalho foi composta por entrevistas, de tipo semi-estruturadas, realizadas com um representante da cooperativa e com oito cooperados produtores de leite do município de Rio Grande-RS, além de material documental e bibliográfico.

Posteriormente, foram agregadas novas informações provenientes dos resultados preliminares do censo agropecuário realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2006 e também disponibilizadas pela Prefeitura Municipal de Rio Grande através de seu sítio eletrônico.

Resultados e discussão

As primeiras experiências cooperativas ocorreram na Inglaterra, ainda no século XIX, como uma forma de resistência dos trabalhadores à miséria e também como uma alternativa de renda dentro da lógica do nascente sistema capitalista de produção. Conforme Santos (2002, p.32), os princípios do cooperativismo podem ser resumidos como uma prática econômica inspirada nos valores de autonomia, democracia participativa, igualdade, equidade e solidariedade.

A COSULATI atua fundamentalmente como um ente jurídico na relação dos produtores com o mercado, integrando-os ao circuito comercial, e permitindo-lhes, via financiamentos², o acesso a meios técnicos e insumos fundamentais para que seu produto, no caso o leite, possa atender às condições exigidas pelo mercado.

Apesar de caracterizar-se enquanto um empreendimento cooperativo, a COSULATI mantém, na sua relação com os cooperados, práticas semelhantes às utilizadas pelos complexos agroindustriais junto a seus colaboradores, isto é, financia o material técnico – como os resfriadores - e os insumos necessários para uma produção dentro dos padrões exigidos pelo mercado e, em contrapartida, exige de seus fornecedores de leite a entrega de todo o produto de acordo com padrões pré-estabelecidos e a preços que são determinados unilateralmente pela própria cooperativa (PAULILO, 1987, p.1-2).

Tavares dos Santos et al (1989, p.270-271) definem essa relação como uma troca entre grupos sociais desiguais, pois coloca, de um lado, a empresa integradora, fortalecida pela posse do capital, o qual lhe permite financiar os insumos e meios técnicos de produção em condições favoráveis, dando-lhe também poder para dirigir os padrões técnicos da produção e para determinar o valor a ser pago pelo produto; e do outro lado o produtor, enfraquecido, dependente da empresa para adquirir a tecnologia necessária para atender as exigências de mercado e sem poder de barganha em relação aos valores da produção integrada.

De acordo com tipologia estabelecida por Bairros e Fontoura (2009, p.1-2), os cooperados riograndinos podem ser caracterizados enquanto produtores em transição, pois apesar de consolidados na atividade, não possuem ainda uma racionalidade moderna, sendo a produção de leite estratégica na propriedade em termos de possibilidades de ingressos de recursos, mas não gerenciada como uma “empresa leiteira”

² A aparelhagem técnica e os insumos necessários para que os produtores possam atender aos padrões de qualidade exigidos pela cooperativa são financiados pela mesma, sendo o pagamento parcelado nas notas de pagamento do produto.

Os cooperados riograndinos podem ser caracterizados, em sua maioria³, enquanto agricultores familiares⁴, que na sua relação com a COSULATI recebem da cooperativa a assistência técnica, tecnologias, facilidade de pagamento em produtos – agrícolas ou não – adquiridos junto à cooperativa ou a empresas por ela terceirizadas⁵, acesso a cursos e programas de qualificação e pagamento em dia dos valores devidos aos cooperados. Em contrapartida, os produtores de leite assumem a responsabilidade de entregar à cooperativa seu produto de acordo com os padrões de qualidade exigidos pela mesma.

Na relação com a cooperativa predomina um clima de insatisfação, pois, por parte dos cooperativados, especialmente os de menor capacidade produtiva, há constantes reclamações relativas aos preços pagos pelo leite, que são determinados pela cooperativa sem qualquer tipo de consulta prévia⁶, e também de que eles só ficam sabendo do preço e da classificação de qualidade de seu produto no momento em que recebem o pagamento, o que, segundo eles, impede qualquer possibilidade de planejamento dentro da propriedade. Outrossim, há muitas queixas dos cooperados relativas ao padrão de determinação dos preços, que além da qualidade leva também em consideração a quantidade produzida, de modo que o valor do litro do leite de um produtor com pequena capacidade produtiva é inferior ao valor do leite – mesmo que de qualidade idêntica – de um produtor com maior capacidade. Outra reivindicação dos cooperados menos capitalizados refere-se ao pouco espaço de participação que consideram ter, visto que, segundo eles, suas reclamações são ouvidas e registradas nas atas de reunião, sem, contudo serem atendidas; enquanto os maiores produtores teriam suas reivindicações contempladas pela COSULATI.

Por outro lado, todos esses pontos negativos acabam sendo atenuados pelo fato de a COSULATI garantir a comercialização de todo o leite produzido bem como um ingresso regular de recursos. Este aspecto é essencial para os agricultores entrevistados, dado que a produção de leite é a principal, e por vezes única atividade com fins comerciais das propriedades.

Desta forma, pode-se afirmar que a relação estabelecida pela COSULATI junto a seus cooperados é semelhante à utilizada pelas empresas que trabalham com produtores de forma integrada, podendo ser uma relação caracterizada como uma troca entre desiguais - como referem Tavares dos Santos et al (1989). Todavia, é importante ressaltar, como lembra Benetti (2000, p.53), que as cooperativas têm uma significativa vantagem em relação às empresas integradoras, que é a identidade social com os seus produtores, visto que enquanto grandes empresas podem migrar a qualquer momento⁷ em virtude do mercado, as cooperativas estão diretamente comprometidas com os seus cooperados.

³ Em torno de 90%, conforme informa o representante da COSULATI consultado.

⁴ Segundo Gasson e Errington (apud BRUMER e SPANEVELLO, 2008, p.24), na agricultura de tipo familiar a gestão é realizada pelos proprietários da unidade de produção; os proprietários possuem laços de parentesco entre si; todos os membros familiares são responsáveis por prover de capitais a propriedade; o trabalho é realizado predominantemente pelos membros da família; o patrimônio e a gestão do estabelecimento são herdados de geração a geração; e os integrantes da família vivem na unidade de produção familiar.

⁵ A exemplo de supermercados da cooperativa, além de acesso a planos de saúde terceirizados.

⁶ De acordo com o dirigente da cooperativa entrevistado, os preços obedecem às variações e cotações de mercado.

⁷ Benetti (2000: p.39), relata o caso da Parmalat que comprou uma empresa de laticínios na Venezuela e, dois anos mais tarde, fechou quatro plantas desta unidade, optando por importar leite uruguaio para atender ao mercado venezuelano.

A conclusão a que se chega é de que a proposta organizacional da COSULATI assemelha-se bastante àquela descrita por autores como Paulilo (1987) e Tavares dos Santos et al (1989) em relação à produção integrada, sendo vantajosa para os produtores ao permitir-lhes acessar um mercado exigente em termos de padrões de qualidade e sanidade, garantir um ingresso regular de recursos e facilitar a modernização da propriedade. Em última instância, entende-se que a principal contribuição da COSULATI para os cooperados riograndinos é a oferta de uma opção de renda a pequenos produtores – numa região marcada por grandes propriedades voltadas à pecuária extensiva de corte e à orizicultura – constituindo-se assim em mais uma alternativa para que os agricultores não abandonem o campo.

Conclusões

Em termos de considerações finais pode-se afirmar, primeiramente, que a relação da COSULATI com seus cooperados assemelha-se àquela estabelecida por empresas agroindustriais com seus integrados, ressaltando-se, contudo, que há, por parte da cooperativa estudada, um maior compromisso social com os produtores e mesmo com a região.

Algumas limitações são visíveis, no sentido da capacidade da cooperativa de atender as necessidades de seus cooperados, a exemplo da negociação prévia do preço do produto, algo que, supõe-se, poderia permitir aos cooperados uma gestão mais “empresarial” de sua propriedade; ou ainda a questão do preço do leite determinado em função do volume produzido, o que certamente tira o incentivo dos menores produtores que, além disso, reclamam do não atendimento de suas reivindicações.

Todavia, não se pode ignorar a importância da COSULATI para os produtores da região, visto que propicia aos mesmos acessar a tecnologias e ao mercado consumidor, um ingresso regular de recursos e mais uma opção de renda, que contribuem para que os pequenos produtores não se vejam obrigados a abandonarem a atividade agrícola.

Considerando-se a premissa defendida por Jean (1994, p.75), de que a manutenção da agricultura é fundamental para a manutenção das paisagens, do solo, do equilíbrio ecológico e mesmo do tecido social rural, conclui-se que, apesar das limitações, a presença da COSULATI na região é de elevada relevância, pois é uma forma de permitir aos pequenos produtores riograndinos reproduzirem-se enquanto agricultores familiares.

Referências

- BAIROS, Adriano; FONTOURA Luis Fernando Mazzini. **Modernização da produção leiteira brasileira: um estudo de caso**. Montevideo: Anais do EGAL (Encontro de Geógrafos da América latina), 2009.
- BENETTI, Maria D. Reestruturação do agronegócio no Brasil e no Rio Grande do Sul, nos anos 90: concentração e centralização e desnacionalização do capital In FLIGENSPAN, Flávio. **Economia gaúcha e reestruturação nos anos 90**. Porto Alegre: FEE, 2000, p.15-70.
- BRUMER, Anita; SPANEVELLO, Rosani. **Jovens agricultores familiares da região Sul do Brasil**. Porto Alegre: Relatório de pesquisa, 2008.
- JEAN, Bruno. **A forma social da agricultura familiar contemporânea: sobrevivência ou criação da economia moderna**. Porto Alegre: v.6, 1994. p.51-75.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888 – 1930)**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2001.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. **A integração no Sul do Estado de Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado - UFRJ, 1987.

SANTOS, Boaventura de Souza (Org). **Produzir para Viver: Os Caminhos da Produção Não Capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TAVARES dos SANTOS, José Vicente et al. Agroindústrias e lutas sociais (a complexidade das lutas sociais em torno do valor do produto). IN. **Ensaio FEE**, Porto Alegre: ano 10, nº2, p.266-284: 1989.